

“Gênero, Mulheres e Esporte”¹

Angelita Alice Jaeger

Resumo: Esta resenha se propõe a apresentar aspectos destacados do livro “Gênero e Mulheres no Esporte: História das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos” do Fabiano Pries Devide. Dialogando com diferentes perspectivas teóricas, o autor apresenta a trajetória das mulheres no esporte de rendimento, enfatizando lutas e conflitos num meio marcado pela hegemonia masculina. Perpassa todo o seu texto um convite aos profissionais que se interessam pela temática para que se debrucem sobre ela, investigando-a. Nessa direção, destaco que os estudos de gênero ancorados numa perspectiva pós-estruturalista buscam desnaturalizar concepções e borrar fronteiras entre o feminino e o masculino no singular, enfatizando a constituição de mulheres e homens, feminilidades e masculinidades plurais, provisórias e cambiantes, inclusive no campo esportivo.

Palavras-chave: Gênero. Mulheres. Esporte.

Provocada e instigada a pesquisar. Assim finalizo a leitura do livro “Gênero e Mulheres no Esporte: História das Mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos” do Fabiano Devide. Mobilizada por esse desafio escrevo algumas impressões, reflexões e indagações com as quais me deparei no decorrer do produtivo passeio que fiz pelas páginas deste livro. Passeio constituído de idéias, pistas, lacunas e possibilidades de investigação que perturbaram e desacomodaram a linearidade da leitura e, por isso mesmo, movimentaram o diálogo que travei com o autor e seu texto. A escassez de produções acadêmicas brasileiras envolvendo gênero, mulheres e esporte, motivou o autor a pesquisar sobre o tema, resultando neste belo e convidativo livro que é recebido com satisfação e urgência pela Educação Física Brasileira.

¹ Devide, Fabiano Pries. Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos Jogos Olímpicos Modernos. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

Fabiano introduz a temática apontando alguns estudos que vem tencionando o campo esportivo, discutindo-o na perspectiva dos estudos de gênero. Essas discussões apontam para o esporte como: um espaço de opressão feminina; questionamento da superioridade masculina; território que pode transformar as relações de gênero; e um espaço de lutas e contestações. Porém, há uma carência de estudos que apresentem reflexões teóricas profundas, buscando compreender a construção histórica das íntimas relações estabelecidas entre o esporte e a sociedade, envolvendo não só questões de gênero, mas também de raça, idade, identidade sexual e classe social.

Em relação ao Brasil, o autor destaca que a investigação envolvendo mulheres, esporte e gênero é recente e, por isso mesmo, é um campo receptivo para mulheres e homens pesquisadores que concebem o esporte como uma construção histórica e social, imbricado em relações de poder em que diferentes sujeitos disputam posições e se impõem momentaneamente.

As relações de poder exercidas entre homens e mulheres no campo esportivo, tem se configurado em posições e acessos extremamente desiguais. Argumentos apoiados em justificativas biologicistas foram/são empregados para respaldar o domínio masculino não só no esporte, mas também em outras instâncias sociais. Classificando homens e mulheres a partir das suas diferenças sexuais, busca-se também distinguir a feminilidade da masculinidade, naturalizando desigualdades. Para aprofundar a discussão é fundamental elucidar os dois conceitos que estão imbricados nessas relações, isto é, sexo e gênero.

Devide “*interpreta gênero como uma categoria, referente às práticas sociais construídas no cotidiano que tendem a sofrer transformações constantes. Quanto ao homem e à mulher, o gênero se relaciona aos comportamentos. Atitudes e discursos esperados de ambos os sexos, nas múltiplas esferas sociais em que homens e mulheres estão inseridos*” (p. 29). Em relação ao

sexo diz que “*se refere às características genéticas e biológicas de uma pessoa, que determinam se ela é do sexo masculino ou feminino*” (p. 31). Ressalta porém, que esses conceitos não podem ser concebidos isoladamente, mas sim num processo de interseção. Além disso, as implicações das diferentes elaborações teóricas acerca das definições de sexo e gênero estão no centro de um caloroso debate atual, envolvendo autores provenientes de diferentes campos.

No que se refere ao esporte especificamente, o sexo tem sido um território onde busca-se a fixidez e as demarcações identitárias e, por muito tempo, foi usado para impedir a participação feminina em diferentes modalidades esportivizadas. Historicamente, essas práticas corporais foram identificadas e prescritas ao sexo feminino ou ao masculino, às meninas ou aos meninos, às mulheres ou aos homens. Por um lado, sugeria-se às mulheres práticas corporais que requeriam flexibilidade, agilidade, leveza e suavidade nos seus gestos; requisitos necessários para manter a sua feminilidade e fortalecer o seu corpo para a maternidade. Por outro lado, indicava-se aos homens as práticas corporais que solicitavam força, velocidade, resistência e potencialização muscular; aspectos desejados para destacar a sua masculinidade referendada na agressividade e na coragem demonstradas na prática esportiva. Entretanto, Deive nos alerta que mesmo considerando-se o esporte um espaço de hegemonia, preservação e expressão da masculinidade, não é possível torná-lo um território hermético, estático e absoluto. Pois ao longo do tempo, o esporte vem se transformando e nesse percurso observa-se momentos de rupturas e descontinuidades, momentos em que fissuras foram ampliadas e possibilitaram expandir o horizonte de práticas corporais femininas e masculinas. Porém, não podemos ser ingênuos e pensar que essas mudanças aconteceram de maneira tranqüila e sem conflitos. Em diferentes momentos, mais mulheres do que homens, ousaram romper fronteiras e foram e ainda hoje são, questionadas(os) no que diz respeito a sua identidade, em especial à sua sexualida-

de. Nesse caso, as mulheres praticantes de *body-building*² são lembradas como um exemplo elucidativo dessa questão, pois a sua inserção nesse meio foi conquistada mediante acirradas negociações. Pois, sendo esse um esporte onde predomina e é incentivada a participação masculina, as mulheres tiveram os seus avanços contidos por meio da inserção de regras que buscam fixar no controle do corpo feminino, especificamente no seu volume muscular e na sua aparência, características que assegurem uma “certa feminilidade” que corresponda aquela valorizada e estimulada culturalmente, historicamente e discursivamente .

Ao mergulhar nas páginas escritas por Fabiano Devidé, observa-se que uma discussão sobre o corpo atravessa todo o texto, ora aparece sutilmente nas entrelinhas e ora é destacada em parágrafos que criticam o tratamento dado ao corpo feminino, concebendo-o como um objeto que é construído e adornado para atrair olhares de homens e mulheres. Dialogar com temas como: esporte, gênero, sexo, mulheres e homens torna inevitável tocar nas questões que envolvem o corpo. Ao falar das desigualdades entre mulheres e homens, de feminilidades e masculinidades, de múltiplas identidades, aborda-se conflitos e tensões que perpassam pelo corpo. Pois, assim como o esporte é constituído historicamente e culturalmente, o corpo também o é. Quando discutimos mulheres/homens frágeis, fortes, velozes, hábeis estamos nos referindo aos seus corpos corajosos, potencializados, competitivos, delicados, abjetos. Enfim, conversamos sobre corpos múltiplos, provisórios e cambiantes construídos consoante as exigências de cada prática corporal esportivizada, em determinado tempo e lugar.

Outro aspecto fundamental pontuado neste livro, refere-se às disputas, entraves e possibilidades na ampliação da participação feminina no esporte. Essa discussão é debatida e defendida, em

² A Federação Internacional de *Body-Building* determinou em 2005, por razões estéticas e de saúde, que as atletas praticantes desse esporte precisam baixar em 20% o seu volume muscular.

especial, pelas feministas liberais e pelas feministas separatistas. As primeiras, colocam em questão a visão biologicista que inferioriza as qualidades e capacidades das mulheres, denunciando que é no plano cultural que se constitui essa discriminação e que o biologicismo não a sustenta. Já o segundo grupo, defende a idéia de construir um esporte feminino que incentive o desenvolvimento de características socialmente atreladas às mulheres e nessa direção, seria qualitativamente diferenciado do esporte masculino. Tal proposta foi alvo de críticas pela possibilidade de criar novos guetos, intensificando as distâncias entre mulheres e homens ou assumindo uma posição semelhante à masculina, mas agora numa condição de hegemonia feminina.

Apesar das divergências teóricas, é preciso destacar que as incursões das mulheres no território esportivo questionaram e romperam mitos de fragilidade e perda da feminilidade, os quais sentenciavam que o esporte não era um espaço a ser adentrado e conquistado pelas mulheres. Nesse sentido, é importante destacar a necessidade emergente de que novas políticas públicas sejam implementadas, associando gênero a outras categorias como: “*raça, classe, etnia, economia e religião, que também influenciam a opressão feminina no esporte e em sociedade*” (p. 60).

Para apontar caminhos nessa acalorada discussão, Fabiano Devede lança uma complexa questão: “*a busca por um código no esporte: feminização ou igualitarismo?*”. Tencionando essas duas possibilidades, diferentes autores sugerem que: a inclusão efetiva das mulheres pode humanizar o esporte (Young, 1988); as múltiplas possibilidades esportivas poderiam ser um espaço de benefícios para homens e mulheres de acordo com as suas particulares potencialidades físicas (English, 1988); o esporte pode ser um território de transformação das relações de gênero (Théberge, 1994). Por fim, destaco e partilho da contribuição de Willis (1994), quando diz que a questão principal dessa complexa situação não está em mensurações ou explicações biologicistas acerca das diferenças entre mulheres e homens, mas sim precisamos inquirir

“por que tais diferenças, e não outras, são tomadas como as mais importantes?” (p. 62). Devidamente trouxe essa questão para a arena esportiva, questão que mobiliza um corolário de outras tantas indagações, possibilitando que os fundamentos da ciência moderna e da técnica também sejam colocados em cena nessas problematizações.

A relação da mídia com o esporte feminino é mais uma questão crucial discutida neste livro. O autor assinala que a mídia tem tratado com desigualdade mulheres e homens nas suas coberturas esportivas, priorizando a presença masculina em seus programas e marginalizando mulheres. Quando veicula reportagens sobre a prática esportiva feminina elabora as suas matérias, geralmente, comparando as performances das mulheres em relação às dos homens na mesma modalidade. Ou então, apresenta comentários preconceituosos e imagens de mulheres onde os aspectos relacionados às formas corporais, beleza, sensualidade e sexualidade da atleta são explorados, colocando em segundo plano as experiências e conquistas femininas no esporte.

Uma análise detalhada dessa situação nos remete à indagar sobre “quem” trabalha com e no jornalismo esportivo e, mais uma vez, nos deparamos com uma área profissional que tem no seu gerenciamento, departamentos editoriais e reportagens figuras masculinas. Para transformar essa situação, diferentes autores sugerem aumentar o número de mulheres e homens jornalistas que busquem combater o sexismo e a desigualdade no campo esportivo e, questionar a cobertura esportiva que responde as estratégias de marketing e dos grandes investimentos que priorizam o esporte masculino.

Nessa direção, é imprescindível que as mulheres ampliem as suas inserções profissionais, tanto nos espaços midiáticos quanto naqueles que envolvem o comando esportivo. É preciso que as mulheres reivindiquem apoio institucional e formativo na direção de qualificá-las para profissões que envolvam: gerenciamento e

administração esportiva, treinamento e preparação física de atletas, arbitragens esportivas, jornalismo esportivo, entre outras possibilidades. Assim, poderão disputar posições na administração esportiva e dar maior visibilidade à participação feminina.

Ao elaborar a segunda sessão do livro, Fabiano Devede apoia-se nos campos teóricos da história cultural e da história das mulheres para construir uma história das mulheres atletas nos Jogos Olímpicos Modernos. História que estava “*adormecida nas prateleiras das bibliotecas e centros de documentação das instituições, uma história de resistências, conquistas e glórias que precisa ser resgatada e construída*” (p. 79 e 80). Assim, o autor nos convida a mergulhar nessa trajetória e, mais uma vez, recupera a questão de gênero como categoria imbricada na produção da marginalização e opressão feminina na história dos esportes.

No desenrolar do seu texto, Devede apresenta uma certa linearidade histórica ao pontuar as principais conquistas femininas nos Jogos Olímpicos Modernos. Introduce a sua temática com alguns fragmentos de estudos que buscam apresentar sinais da relação da mulher com as atividades físicas, os jogos e o esporte em diferentes culturas, envolvendo a Antiguidade até o século XIX, momento em que os Jogos Olímpicos são restaurados. Refere-se ao longo período, apresentando indícios que falam do envolvimento da mulher em diferentes atividades esportivas, assim como aborda a interdição da participação feminina. Destaca algumas mulheres que ousaram romper com as proibições e se tornaram protagonistas da participação feminina nos esportes. A primeira edição dos Jogos Olímpicos Modernos ocorre em Atenas, no ano de 1896, proposto pelo Barão Pierre de Coubertin que acreditava que os jogos serviam para coroar a masculinidade, erigida a partir da força, da virilidade e da coragem demonstradas pelos homens na prática esportiva. Assim, em 1896 acontece em Atenas os I Jogos Olímpicos da Era Moderna, onde as mulheres foram proibidas de participar. Mesmo assim, uma delas ousou tentar inscrever-se para competir, mas não foi aceita

pela organização. Porém, mesmo separada dos homens ela correu a maratona e se tornou uma das primeiras mulheres a transpor as barreiras estabelecidas pelos homens no meio esportivo em diferentes épocas.

O início do século XX apresenta sinais de que a história da exclusão feminina dos Jogos Olímpicos não será a mesma do século anterior. A organização de movimentos feministas em diferentes países, assinalava para profundas mudanças na estrutura e organização dos jogos, bem como na sociedade. Considerando esse cenário, Devede vai apontando eventos, datas, modalidades, vitórias, negociações, derrotas, conflitos, dirigentes esportivos e atletas que dialogaram e lutaram pela inserção e ampliação da participação da mulher nos esportes de alto rendimento.

Esse tortuoso caminho não foi prerrogativa da história das mulheres nos séculos passados, ainda hoje o esporte é marcado por diferentes posicionamentos acerca da participação feminina e a luta ainda não acabou, pois há muito o que se fazer para que as condições de gênero sejam igualitárias. Também não podemos esquecer que aspectos relacionados a classe, raça, religião, política, idade e cultura ainda impedem que muitas mulheres participem ativamente nas várias instâncias proporcionadas pelo esporte. Essas questões e muitas outras precisam ser desacomodadas para que possamos apontar caminhos, elaborar estratégias, desmistificar práticas e questionar fatos. Tais movimentos possibilitam que outras histórias sejam contadas, narrando as ousadias de muitas mulheres que romperam fronteiras no campo esportivo e diferentes circunstâncias encobriram as suas ações relegando-as às zonas de sombra. Assim, perscrutar os mais escondidos recantos tem se mostrado como uma das possibilidades de resgatar memórias, acontecimentos, resultados e protagonismos femininos esquecidos, abandonados ou silenciados. Nesse contexto, os estudos de gênero tem um papel fundamental, pois além de serem precursores nas incursões na temática que envolve “mulheres e esporte”, direcionam o seu olhar para indagar não sobre a origem

das relações de gênero desiguais, mas sim perguntar sobre as circunstâncias e as condições em que foi possível produzir essas desigualdades.

Joan Scott (1995) diz que o termo gênero emerge dos estudos feministas contemporâneos, como uma tentativa de elaborar uma teoria que oferecesse outras condições de análise para explicar as contínuas desigualdades entre homens e mulheres. Diz que “*O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder*”(p. 86).

Nessa direção, os estudos de gênero ancorados numa perspectiva pós-estruturalista apontam para a necessidade de desvincular a constituição de mulheres e homens de sua secular distinção e/ou identificação biológica, tencionando generalizações, sacudindo essencialismos, colocando em questão os binarismos, duvidando de verdades naturalizadas e cristalizadas. Esses movimentos produzem outras possibilidades de diálogos que podem levar a transformações profundas nas representações que elaboramos sobre as diferentes possibilidades de nos constituir em sujeitos femininos ou masculinos. Verena Stolke (2004) argumenta que homens e mulheres são invenções e destaca o caráter relacional e político que a feminilidade e a masculinidade assumem em nossa sociedade. Enfatiza que homens e mulheres são atores sociais e se ‘fazem’ reciprocamente e, portanto, estão situados numa trama de relações de poder que as/os constitui.

Pensar o esporte nessa perspectiva nos conduz para outras análises e nos faz perceber, por exemplo, a relação de dependência que o esporte espetáculo estabeleceu com a tecnociência. Nessa direção, homens e mulheres tem os seus corpos potencializados, reconfigurados e, talvez num futuro próximo, geneticamente modificados. Enfim, importa nesse momento romper com as desigualdades naturalizadas e promover o debate em torno da multiplicidade, da instabilidade e a mutabilidade das identidades de mulheres e

homens que mediante um processo educativo elege e apresentam diferentes feminilidades e masculinidades no decorrer de suas vidas. Essa pluralização e não fixidez, assinala para a existência não de uma feminilidade ou uma masculinidade, mas sim possibilidades múltiplas, provisórias e contingentes, constituídas não sem conflitos, resistências, rupturas e lutas produzidas no exercício do poder tramado entre grupos e/ou sujeitos, entre mulheres e homens. Nessa perspectiva o gênero assume uma dimensão política e como categoria de análise possibilita criar fissuras, abrir brechas e borrar as fronteiras estabelecidas entre o que é feminino e o que masculino, mesmo no campo esportivo.

Para teorizar o gênero na perspectiva pós-estruturalista, Dagmar Meyer (2004) destaca alguns pressupostos que demarcam esse olhar: (a) assumir que as diferenças entre mulheres e homens são construídas social, cultural e discursivamente; (b) problematizar as relações de poder em que essas diferenças são produzidas, vividas e legitimadas; (c) explorar o caráter relacional do conceito de gênero; (d) fissurar as homogeneidades e os essencialismos contidos nos termos mulher e homem e suas conexões; (e) operar com a pluralidade, a conflitualidade e a provisoreidade do viver e definir o gênero em diferentes tempos e lugares.

Silvana Goellner (2005) sinaliza que a educação física brasileira incorporou em suas produções o conceito de gênero na década 80, utilizando-o de maneira ampla e muitas vezes equivocadamente. Considerando-o um campo ainda em construção, “*as produções tem apontado para o entendimento de gênero como sendo um conceito que não desconsidera o biológico do corpo, mas privilegia compreender os processos mediante os quais a anatomia do corpo é tomada como sendo a causa e a explicação de diferenciações e posicionamentos sociais*” (p. 209).

Para finalizar esta resenha, acredito que o livro do Fabiano Devede deixará suas marcas na produção teórica da educação

física brasileira, assim como será fonte de consulta em suas inúmeras referências a autores estrangeiros que já tem se dedicado ao tema. Também, não posso deixar de mencionar as notas de rodapé que são abundantes nas páginas do livro e em muitos momentos elucidam temas, destacam pesquisas, ressaltam idéias de diferentes pesquisadores, apresentam exemplos e estatísticas que assinalam recortes da participação feminina no esporte. Estas notas detalhadas revelam o cuidado que o autor teve ao fazer o seu texto, enriquecendo-o e nos instigando a buscar novos dados e outras fontes de informação, em particular, sobre a realidade brasileira. Por fim, perpassa todo o seu texto um convite aos profissionais que se interessam pela temática para que se debrucem sobre ela, investigando-a.

"Gender, Women and Sports"

Abstract: The present paper aims to present aspects extracted from the book "Gender and Women in Sport: Women's History in Modern Olympics Sports" by Fabiano Pries Devide. Talking to different theoretical perspectives, the author shows women's path in revenue sport emphasizing fights and conflicts within an essentially male environment. His text is all about an invitation for the professionals of this area to dedicate efforts on its investigation. In this sense, is necessary to emphasize that the gender studies based on a post-structural perspective, they intend to denaturalize conceptions besides staining boundaries between male and female on singular, underlining men and women formation, plural femininities and manliness, temporary and changeable, even in sporting field.

Key words: Gender. Women. Sports.

“Género, mujeres y deporte”

Resumen: Esta reseña se propone presentar aspectos destacados del libro “Género y mujeres en el Deporte: historia de las Mujeres en los Juegos Olímpicos Modernos” de Fabiano Pries Devide. Dialogando con diferentes perspectivas teóricas, el autor presenta la trayectoria de las mujeres en el deporte de rendimiento, enfatizando luchas y conflictos en un medio marcado por la hegemonía masculina. Atravesando todo el texto una invitación a los profesionales que se interesan por la temática para que se detengan sobre ella, investigándola. En esa dirección, destacó que los estudios de género anclados en una perspectiva pós-estructuralista buscan desnaturalizar concepciones y borrar fronteras entre lo femenino y lo masculino en el singular, enfatizando la constitución de mujeres y hombres, femilidades y masculinidades plurales, provisionales y cambiantes, inclusive en el campo deportivo.

Palabras-clave: Género. Mujeres. Deporte.

REFERÊNCIAS:

Goellner, Silvana V. Gênero. In: Dicionário Crítico de Educação Física. Fernando J. Gonzáles; Paulo E. Fensterseifer (Orgs). Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

Meyer, Dagmar E. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. In: Revista Brasileira de Enfermagem. Brasília. Jan/fev, v. 51 (1), p. 11-18, 2004.

Scott, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica.. In: Revista Educação & Realidade. Porto Alegre, nº 20 (2), p. 71-99, 1995.

Stolke, Verena. La mujer es puro cuento: la cultura del género. In: Estudos Feministas. Florianópolis, nº 12 (2), p. 77-105, 2004.

Recebido em: 01/12/2005

Aprovado em: 07/03/2006

Angelita Alice Jaeger

Professora do CEFD/UFSM e Doutoranda do PPGCMH/ESEF/UFRGS

ajaeger@smail.ufrsm.br